

Artes e Imagens nos Estudos Visuais

Quando o Problema Faz o Campo

Rogéria de Ipanema
Universidade Federal do Rio de Janeiro/CBHA

RESUMO

As artes visuais se expressam por atravessamentos de áreas e campos historicamente consolidados, estabelecendo empoderamentos de si pelas formas e conteúdos dos outros, pelo manejo de elementos e contextos diversos, pela apropriação e transgressão de normas e ordens estabelecidas, possibilitando assim, a sustentabilidade da sua existência na criação e presentificação artística. Nesta comunicação, queremos refletir alguns destes questionamentos, pelas investigações da visualidade em James Elkins (Escola do Instituto de Arte de Chicago), de forma a possibilitar às discussões das pesquisas de arte e imagem inseridas no espaço científico multifacetado dos Estudos Visuais, e aí, compreendermos um lugar de interpretação, onde o problema, politicamente, faz o campo.

Palavras-chave

História da Arte. Imagem. Cultura Visual. Estudos Culturais. Estudos Visuais.

*

ABSTRACT

The visual arts are expressed through intersections of different historically consolidated fields and areas, establishing their own forms of empowerment by exploiting the forms and contents of others, by managing diverse elements and contexts, by appropriating and subverting established norms and orders, and thereby enabling the sustainability of their existence in artistic presentification and creation. In this paper, we reflect on some of these issues through the investigations of visuality by James Elkins (School of the Art Institute of Chicago) so as to inform discussions about research in art and the image within the multifaceted space of visual arts scholarship, and thereby to comprehend a place of interpretation where the problem, politically, makes the field.

Keywords

Art History. Image. Visual Culture. Cultural Studies. Visual Studies

O que é estudos visuais?

É a primeira pergunta do historiador da arte James Elkins em sua obra publicada em 2003, *Visual Studies: a skeptical introduction*¹. Trata-se de uma pergunta que movimenta, para ele, complexos epistemológicos dimensionados nos Estudos culturais, na Cultura visual e nos Estudos visuais.

Elkins inicia sua exposição com o pensamento desenvolvido na Inglaterra do final dos anos de 1950 centrada em três autores que contribuíram para as pesquisas multidisciplinares mediadas pela cultura. Neste sentido, é preciso localizá-los junto às suas bibliografias para orientar a consolidação destas referências.

Estudos culturais

Primeiramente, o novo espaço que se abriu denominado de Estudos culturais, pela pesquisa inaugural de Richard Hoggart, *Os usos da literatura: aspectos da vida da classe trabalhadora com referência especial para as publicações e entretenimentos*, de 1957. Hoggart constituía um horizonte sobre a perspectiva popular, tratando da vida cultural da classe trabalhadora, que não se subsistia “apenas submissão, mas também resistência (ESCOSTEGUY, s/d. p. 1)”². A partir desta obra seminal, o campo de estudos sobre o tema foi tomado pelos meios massivos e pelo campo da recepção, na análise das influências da cultura de massa, que emergiram no segundo pós-guerra sobre as classes populares³.

O título original conceituado em *Abusos da literatura* fora alterado para *Os usos da literatura*. A versão em francês resumiu-a em, *A cultura do pobre*, publicada em 1970, e *As utilizações da cultura*, na tradução em português de 1973.

O segundo marco-autoral nos estudos culturais ingleses é o crítico político e literário marxista Raymond Williams com a obra *Cultura e Sociedade (1780-1950)*⁴. O autor é identificado a partir de uma estrutura de sentidos na chave de compreensão que reflete a cultura como prática social e atividade humana⁵.

Por último, na tríade da genealogia e itinerário dos Estudos Culturais no século 20, Elkins encontra o sociólogo jamaicano Stuart Hall⁶. Hall que dirigiu a *New Left Review*, criada em 1960, comenta o perfil do período e periódico dizendo: “Os pensadores marxistas abriam suas reflexões publicando em onde escreviam, sobre o marxismo, contra o marxismo, com ele e para tentar desenvolvê-lo” (apud RIBEIRO, 2017, p. 4)⁷. E nesta linha marxista de pensamento da época, portanto, para ampliar Elkins, é que não se pode excluir dos primeiros demarcadores dos novos estudos culturais na Inglaterra, e os estudiosos da cultura não o fazem, a obra e o nome do historiador E. P. Thompson com *A produção da classe trabalhadora inglesa*, de 1963.

Resumidamente, para a Adelia Ribeiro, Richard Hogarth é “em parte autobiográfico e em parte história cultural do meio do século 20” (Idem, *ibidem*); Raymond Williams resgatara a historiografia do conceito de cultura, no pensar da

¹ ELKINS, James. *Visual studies: a skeptical introduction*. Londres/Nova York: Routledge, 2003.

² ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. *Cartografias*. www.pucrs/famecos/pos/cartografias

³ CUNHA, Diego Silva da, *Revista eletrônica Comunicação Pública*, Universidade de Lisboa, 2014.

⁴ De 1958.

⁵ RIBEIRO, Adelia Miglievich. Raymond Williams e Stuart Hall: perspectivas, objetos e engajamento. *Anais da Sociedade Brasileira de Sociologia 2017*, Brasília, p. 1-20, 2017.

⁶ Obra-referência bem posterior, os *Estudos culturais: dois paradigmas*, de 1980.

⁷ Stuart Hall em *Diásporas nas identidades e mediações culturais* de 1998.

literatura, música e artes visuais, “culminando com a ideia de que a ‘cultura comum ou ordinária’ pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência” (Idem, ibidem). E o significado de Thompson está na historicidade da sociedade inglesa pelos de baixo’. (Idem, ibidem). Todos os três autores entendiam cultura nas categorias de experiência, vivência e sentidos, tratando os conflitos entre classes que, “realizavam-se também, nas disputas entre valores, visões de mundo, ideologias, que não se referiam a um mero reflexo das condições materiais de existência.” (RIBEIRO, 2017, p. 4).

Neste ambiente, então, foi criado em 1964, por Richard Hogarth, o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos. Uma instância acadêmica de pós-graduação vinculada ao Departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham. Hogarth dirigiu o CCCS até 1968, assumindo-o pelos 10 anos subseqüentes, Stuart Hall.

Então, das obras e autores de Birmingham, os estudos culturais foram, a partir da década de 1970, incorporados em outras universidades britânicas denominadas as “universidades dos tijolinhos vermelhos”. Na década seguinte, os estudos culturais expandiram-se, envolvendo pesquisas mais globais na Índia, na Austrália, no Canadá e nos Estados Unidos.

Pesquisadores reafirmam a importância desta compreensão onde, cultura e o campo social estavam juntos e não podiam ser percebidos separados e sim, em suas formas, práticas, representações, ou seja, nas relações entre cultura e sociedade. Dos anos de 1965 a 1975, muito de escopo e estatuto entraram no interesse da Comunicação e cultura de massa, complexidades dos autores iniciais, como pensador vivo e pulsando na contemporaneidade, Edgar Morin⁸.

Assim também o é para as áreas de concentração e linhas de pesquisas em Cultura e Sociedade no Brasil, por exemplo, em Programas de Pós-Graduação de História ou ppgs de História Social, com muitas derivativas como: História e Cultura, Cultura Material e Visual. Incluir o programa de História Social da Cultura da PUC-Rio. E é claro que a História Cultural como disposição teórico-metodológica e historiográfica, de certo animou inúmeros objetos visuais de investigação e pesquisa nestes programas. Além das interfaces nas grandes-áreas da Linguística e outras áreas das Ciências Humanas e Sociais, lotadas de questões da expressão visual.

Cultura visual

A segunda dimensão tratada por Elkins é a Cultura Visual, um termo mais disciplinado nos anos de 1990 e como um movimento caracterizadamente estadunidense. Elkins avalia que a cultura visual se apresentou menos marxista, no sentido de estar mais distante das formas de análises voltadas para as ações sociais, esteve mais em débito com Roland Barthes e Walter Benjamin, do que os estudos culturais ingleses originais⁹ e, que se encontrou “mais assombrada” pela história da arte.

O que de fato se definiu como um campo veio da produção bibliográfica da Cultura visual específica de livros, periódicos e anais na década de 1990 e, pelas teses do novo campo revelado na academia nos anos 2000. Exemplos: dos livros *Cultura visual: imagens e interpretações* (1994)¹⁰; *Espaços indiferentes: lugar e memória na cultura visual*

⁸ Obras sobre cultura de massa de Edgard Morin: *A Neurose* (1965-1970) e *A Necrose* (1970-1975).

⁹ Elkins, James. Op. cit, p. 2.

¹⁰ Organizada por Michael Ann et al, Middletown, CT/Wesleyan University Press.

(1996)¹¹; *Domínio das imagens* (1999) do próprio Elkins¹²; *Práticas do olhar: uma introdução à cultura visual* (2001)¹³; os artigos que problematizavam o campo como Interdisciplinaridade e cultura visual, publicado no *The Art Bulletin* em 1995¹⁴, e publicado on line em em 2014¹⁵ e o periódico *Cultura Visual* (2001)¹⁶, *Journal Visual Culture* e *Visual Studies* (ambas de 2002)¹⁷. Assim também a dissertação defendida na Universidade de Columbia em 2001, *Da história da arte para a cultura visual: o estudo da visualidade após a virada cultural*¹⁸. Registrar que atualmente foi lançado o *The International Visual Culture Review* publicado em Madri¹⁹.

A introdução, inclusão e as acomodações da cultura visual nas universidades estadunidenses podem ser acompanhadas no artigo integral de Paulo Knauss de 2006, na Revista *ArtCultura*²⁰. O autor realiza uma densa exposição e avaliação em texto, que como diz, procurou defender o encontro obrigatório da história e as fontes visuais, “ultrapassando as fronteiras de conhecimento estabelecidas.” (KNAUSS, 2006, p. 115) e de modo conclusivo escreve que, “Nesse encontro, há um laço a ser fortalecido ente a história da imagem e a história da arte para definir que o conceito de arte é histórico.” (idem, *ibidem*).

Assim, sob a guarda da Cultura Visual muito se determinou e fortaleceu o campo pela institucionalização de formação universitária das várias formas visuais de produção. Vale destacar a Universidade de Rochester no estado de Nova York, com o programa de Doutorado Estudos Culturais e Visuais de 1989, composta por docentes de Arte e História da Arte, e os seminários temáticos na Universidade de Chicago em 1993²¹. A Universidade de Califórnia de Irvine abriria o programa de Estudos Visuais em 1998, ampliando o corpo docente com participações dos estudos de cinema e mídia²² e, no mesmo ano, os estudos visuais eram oferecidos na Universidade do Estado de Nova York²³.

No Brasil, tem-se o Programa de Pós-graduação de Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás criado com mestrado em 2003, ampliado pelo doutorado, passando a ser Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual²⁴.

Devemos ainda, incluir a consolidada Sessão dos Estudos de Cultura Visual nos mega-encontros da Associação de Estudos Latino-americanos – LASA fundada em 1968. Os coordenadores da sessão constituem agendas próprias dentro do grande evento da maior associação de estudos latino americanos²⁵.

¹¹ Victor Burgin, Berkeley, University of California Press.

¹² Elkins, Itahaca, NY/Cornel University Press.

¹³ Marita Sturken e Lisa Cartright, Oxford Press.

¹⁴ W. J. T. Mitchell, *Bulletin of Art*, vol. 77, 1995.

¹⁵ www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00043079.1995.10786655

¹⁶ *Visual Culture*.

¹⁷ *Journal Visual Culture*, editado pela Sage Publications, e *Visual Studies* da Routledge.

¹⁸ Tese de Margarita Dikovistskaya.

¹⁹ Publicado por Global Knowledge Academics da Espanha.

²⁰ KNAUSS, Paulo. Os desafios de fazer história com imagens. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan./jun. 2006.

²¹ Formados por W. J. T. Mitchell.

²² MARCONDES, Ana Maria dos Reis; SARDELICH, Maria Emilia. A produção acadêmica sobre cultura visual no banco de tese da Capes: um levantamento bibliográfico. *Anais do III Congresso Nacional de Educação- CONEDU*, s.n.p., Natal, 5-7 out. 2016.

²³ Com aulas de Nicholas Mirzoeff..

²⁴ MARCONDES, Ana Maria dos Reis; SARDELICH, Maria Emilia. Op. cit.

²⁵ Com 12 mil filiados, e que mesmo tendo a sua sede em Pittsburgh, Pensilvânia, 65% são externos aos Estados Unidos.

Estudos Visuais

James Elkins chega então nos Estudos Visuais e suas variáveis e variantes de lugar para lugar no mundo global: na Universidade Nacional Autónoma de México; Europa, Sussex, Copenhagem, Universidade Bergen, Noruega, Goteborg, no departamento de História da arte e Estudos visuais na Suécia; e mais, em Tóquio, Delhi e Monash.

Tantos movimentos que se estabelecem e estabeleceram em outras áreas de concentração com os estudos culturais e a cultura visual, vimos também refluir como estudos visuais. Estes transitam com diferentes nomenclaturas, que vão dando conta, ou não, da complexificação das visualidades que são reconhecidas como História da cultura visual, História e teoria da cultura visual, Estudos culturais e visuais, Estudos da cultura visual, Estudos da imagem. O Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRJ possui uma amálgama conciliatória ou de conforto de assentamento de campos e terrenos, com a Linha de pesquisa Imagem e Cultura, que compõe ao lado da linha de História e Crítica da Arte, a Área de Concentração de Teoria das Artes Visuais.

Por uma História da arte transdisciplinar?

Somam-se as questões e relações da História da Arte em seu criticismo e historicidade convivendo com o resgate de sujeitos e resíduos das margens, com o que transborda, dissolvem fronteiras, apagam limites. Interdiscursividade, transdisciplinaridade, desterritorialização, atravessamentos, assim, como fazê-los? Como praticá-los, quando estamos discipliná-los nos corredores acadêmicos dos projetos político-pedagógicos das graduações e programas de pós, escolas e institutos, referencialmente no ensino da arte nas universidades? Historiadores em problematizações!

Importante reflexão deste presente XXXIX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte traz, neste corpus motivador das “Inquietações e Estratégias da arte”. Assim, temos tratado o tema, no artigo História, Cultura e imagem: trânsitos na historicidade da arte, levado na edição do Colóquio CBHA no Museu da Bahia em 2017. Vimos a arte sob quadros epistemológicos de outras origens, de vários lugares, em deslocamentos que nos inquietam e nos provocam, tensionando teorias e metodologias.²⁶

Dimensões onde o problema faz o campo?

Subsistem complexificações epistemológicas largas, diversas e profundas, dramatizando a constituição de forças sensíveis referenciais do universo da arte em sua produção. E em sua interpretação e crítica, quais, quantitativa e qualitativamente, podem configurar o campo da arte, que exercita, associa e conspira com tantas epistemes?

Enfim, queremos atravessar as identidades e alteridades epistemológicas? Se naturalizações desfronteirizadas subsistem em pertencimentos transdisciplinares nas pesquisas das artes visuais, é nesta dimensão que o problema faz o campo. Na verdade, trata-se de um complexo muito anterior, cuja constituição da história da arte questionada à luz da cultura, tem em Warburg,²⁷ devedor direto do pensamento histórico

²⁶ IPANEMA, Rogéria de. História, cultura e imagem: trânsito na historicidade da arte. Salvador, CBHA/UFBA, XXXVII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, p.49-59, 2017.

²⁷ No exemplo da obra de Aby Warburg, *Renovação da antiguidade pagã: contribuições cinetífico-culturais para a história do Renascimento europeu*, publicado pela primeira vez em 1932, após o falecimento do autor.

burckhardtiano oitocentista,²⁸ a sua responsabilidade no século 20, incluindo as filiações e descendências históricas, teóricas e metodológicas em Panofsky e Gombrich. Digitais fantasmáticas re-inquietadas por George Didi-Huberman nas relações de arte, história, imagem e tempo, discutidas no século 21. E, parte das nossas problematizações de inserção de campos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da imagem: questões colocadas aos fins de uma história da arte*. São Paulo: 34, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Lisboa: Orfeu Negro, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

ELKINS, James. *Visual studies: a skeptical introduction*. Londres/Nova York: Routledge, 2003.

IPANEMA, Rogéria Moreira de. História, cultura e imagem: trânsito na historicidade da arte. Salvador, CBHA/UFBA, XXXVII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, p.49-59, 2017.

KNAUSS, Paulo. Os desafios de fazer história com imagens. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan./jun. 2006.

MARCONDES, Ana Maria dos Reis; SARDELICH, Maria Emilia. A produção acadêmica sobre cultura visual no banco de tese da Capes: um levantamento bibliográfico. *Anais do III Congresso Nacional de Educação- CONEDU*, s.n.p., Natal, 5-7 out. 2016.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. *Cartografias*.
www.pucrs/famecos/pos/cartografias

CUNHA, Diego Silva da. Revista eletrônica Comunicação Pública, Universidade de Lisboa, 2014.

RIBEIRO, Adelia Miglievich. Raymond Williams e Stuart Hall: perspectivas, objetos e engajamento. *Anais da Sociedade Brasileira de Sociologia 2017*, Brasília, p. 1-20, 2017.

WARBURG, Aby. *A renovação da Antiguidade pagã: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu*. Rio de Janeiro: Contraponto/MAR, 2013.

²⁸ No exemplo da obra de Jacob Burckhardt, *A cultura do Renascimento na Itália*, publicação de 1860.